

Espaços competitivos: evergetismo monárquico, espaço urbano e integração na Atenas helenística (séc. II a.C.)

Fábio Augusto Morales*

MORALES, F.A. Espaços competitivos: evergetismo monárquico, espaço urbano e integração na Atenas helenística (séc. II a.C.). R. Museu Arq. Etn., 29: 47-59, 2017.

Resumo: Após a crítica ao modelo da “decadência da pólis” no estudo das sociedades helenísticas, muitos estudiosos vêm enfatizando a centralidade da cultura agonística para a história das paisagens urbanas e das relações internacionais mediterrânicas. Atenas, uma pólis tão culturalmente prestigiosa quanto militarmente frágil, engajou suas tradições agonísticas na construção de relações evergetas com monarcas helenísticos. Este texto discute a interação entre cultura agonística, práticas evergetas e processos de integração a partir das intervenções espaciais em Atenas durante o século II a.C., associadas tanto às Grandes Panateneias quanto ao evergetismo monárquico.

Palavras-chave: Cultura agonística; Evergetismo helenístico; Grandes Panateneias.

Introdução

A competição feroz por medalhas nos Jogos Olímpicos atuais, com sua clara vinculação à propaganda de regimes político-econômicos e blocos geopolíticos, é eloquente o bastante para destacar a indissociabilidade entre esporte e política. De fato, em disputa estão não apenas medalhas ou honras, mas discursos que legitimam as posições das potências globais e regionais, vinculando habilidades corporais a identidades coletivas e ordenamentos sociais. Tal vinculação, não obstante as inúmeras diferenças, é um dos elementos que identificam os Jogos atuais aos Jogos antigos. Este texto se propõe a discutir a relação corpo, identidade e ordem em um caso específico,

qual seja a dedicação de estátuas equestres a reis helenísticos pela cidade de Atenas no século II a.C., após a vitória desses monarcas em provas no principal festival da cidade, as Grandes Panateneias.

A escolha do período não é corriqueira: os festivais competitivos gregos, cuja história remonta ao período arcaico e segue rumo à Antiguidade tardia, têm no período helenístico um momento de inflexão. A partir do final do século IV a.C., o número de festivais com pretensões pan-helênicas, que chegavam a algumas centenas no período clássico (Nielsen 2016), passa pelo que Robert (1984) qualificou como “explosão agonística”. Boa parte dessa explosão se deve à afirmação da pólis enquanto forma de organização social e política no período, apesar do paradigma historiográfico que postulava a “decadência da pólis” em função da redução de sua autonomia internacional. Contrariando esse

*Professor Adjunto de História Antiga, Universidade Federal de Santa Catarina. <fabio.morales@ufsc.br>

paradigma, o período helenístico foi marcado pela globalização tanto de traços particulares da cultura grega quanto da própria pólis como instituição, e os festivais tornaram-se vetores da competição entre antigas e novas pólis na busca de relações com potenciais benfeitores e da reafirmação de sua helenidade (Van Nijf 2013; Vlassopoulos 2013).

O objeto deste texto é discutir os sentidos dos festivais atléticos gregos no período helenístico, tomando como estudo de caso as intervenções espaciais associadas às Grandes Panateneias em Atenas no século II a.C. Tais intervenções estão diretamente relacionadas a uma dupla competição: entre os reis helenísticos, interessados em imprimir sua presença tanto na história do festival quanto na paisagem urbana ateniense, e entre as cidades gregas, em busca dos presentes oferecidos pelos monarcas. A estrutura criada por esta interação é o que foi denominado modernamente como “evergetismo”, aplicado à concessão de honras pelas cidades a seus benfeitores, reis ou cidadãos, em troca de presentes variados, tais como proteção militar, facilidades diplomáticas, doações de alimentos, dinheiro, edifícios, arrendamentos etc. (Andreau, Schnapp & Schmitt-Pantel 1978; Gyax 2016; Veyne 1969, 1976; Zuiderhoek 2009). As competições sagradas dos festivais gregos eram, assim, vetores das competições *evergetas* (entre benfeitores e entre cidades), reproduzindo-as e teatralizando-as – daí escolhermos a expressão “espaços competitivos” no título.

Para tanto, o texto está dividido em três partes. Na primeira, discutimos brevemente as especificidades do estudo da pólis no período helenístico, tendo em vista a notável vitalidade do paradigma “biológico” da pólis grega. Na segunda, observamos a relação entre evergetismo e tradição competitiva grega no contexto da geopolítica específica do século II a.C. Na terceira, analisamos a dedicação de estátuas equestres aos reis helenísticos em Atenas associada às Grandes Panateneias. Na conclusão, sintetizamos os argumentos e discuto a relação entre integração

mediterrânica, monarquia helenística e helenidade a partir do caso ateniense.

A pólis helenística e seus fantasmas

O estudo da pólis grega, central na conformação da História da Grécia enquanto forma (Guarinello 2003; Vlassopoulos 2007), desde a década de 1990 tem passado por intensas transformações. Por um lado, projetos grandiosos de levantamento documental, tal como o extenso inventário produzido pelo Copenhagen Polis Centre (Hansen & Nielsen 2004), têm demonstrado a enorme diversidade de experiências sociais e políticas que caracterizavam as pólis gregas. Por outro lado, o impacto dos debates ético-políticos críticos ao eurocentrismo promoveu, no âmbito da pesquisa, uma valorização de objetos históricos tradicionalmente tomados como subalternos, tais como histórias de mulheres, estrangeiros, pobres, períodos como o helenístico e o imperial, ou temas como o cotidiano, as identidades ou o mundo rural (Alcock 1993; Van Nijf & Alston 2011).

Um dos resultados dessas transformações foi a revisão crítica do conceito de pólis, do ponto de vista seja de sua composição, seja de seus elementos essenciais. Por um lado, a pólis como sinônimo de “comunidade de cidadãos” deu lugar à diversidade de formas sociais que não se reduzem ao direito pleno de cidadania nem à vinculação à história política ou aos monumentos urbanos (Morales 2014). Por outro lado, características tomadas como quintessenciais da pólis, tal como a autonomia externa, foram contextualizadas: poucas cidades, num universo de mais de mil pólis, detinham plena autonomia, e as pólis não autônomas não deixavam de ser, por isso, pólis (Hansen 1995).

Tal quadro teve, obviamente, impacto sobre a morfologia da História da Grécia. A morfologia tradicional (Guarinello 2003) parte da identificação da História da Grécia à das pólis gregas (excetuando assim as comunidades infra ou suprapoliadas, como aldeias, *ethne* e confederações), as quais eram

tomadas como “comunidades autônomas de cidadãos”. A história da Grécia, pois, estruturava-se ao redor das pólis por excelência (Atenas ou Esparta no período clássico), dividindo-se em períodos anteriores à pólis (a pré e proto-história micênica e “obscura”), de formação (arcaico), de apogeu (clássico) e de decadência da pólis (helenístico e imperial). A pólis era vista como organismo vivo, que passaria da infância e juventude à maturidade, e desta à velhice. Desse modo, os manuais da história da Grécia iniciavam a narrativa com Homero – ou, eventualmente, com o mundo micênico – e terminavam com Alexandre, o herói dialético hegeliano que a um passo expandia e estrangulava a liberdade da pólis grega. A história do período helenístico seria a história do “helenismo”, com breves passagens sobre as decadentes cidades gregas; a história do período imperial seria, pois, história de Roma.

Com as transformações do final do século XX, as trajetórias das cidades gregas pós-clássicas seriam revistas. De fato, ainda não tão bem equipados com produção literária como o clássico, os períodos helenístico e imperial apresentam uma abundância incomparável de material epigráfico e, em diversos contextos, também arqueológicos. As pesquisas pioneiras sobre as cidades gregas pós-clássicas, tais como o livro de Jones ou a extensa produção de Louis Robert, ou os estudos arqueológicos ligados a sítios específicos, como a ágora de Atenas, forneceram as bases para a renovação do campo. Livre da sombra clássica, a pólis helenística foi reabilitada. Robert Parker, em 2004, já escrevia que a “contínua vitalidade da pólis no período helenístico” se tornara “algo como um clichê acadêmico” (Parker 2004: 16). Assim, novas possibilidades se abriam para que a pólis helenística se tornasse objeto de experimentação de diversas abordagens que buscam superar o eurocentrismo da morfologia tradicional.

Dessas abordagens, destacamos duas: a abordagem mediterrânica e a abordagem histórico-global. A primeira – proposta de modo estruturado no livro *The Corrupting*

Sea, de Horden & Purcell (2000), sendo desde então objeto de críticas e revisões – se baseia na centralidade do Mediterrâneo como elemento explicativo da História Antiga: o mar como propulsor ou facilitador das trocas, dos contatos, das conexões. Tomado seja como fato ecológico de longuíssima duração (a fragmentação e a precariedade das microecologias), seja como conjunto de modos de integração que variam com o tempo e apresenta ritmos e intensidades diversos (as mediterraneizações), o Mediterrâneo aparece como alternativa à “Antiguidade greco-romana”, formulada mais em termos de coerência documental (a tradição clássica) do que sociocultural. A espacialização da História Antiga, assim, desloca a história das pólis gregas do lugar de “berço da civilização” para articulá-la à história de uma região do mundo, o Mediterrâneo. Claro está, a abordagem mediterrânica se articula à crescente importância dos estudos da globalização contemporânea, que afetaria muitos outros campos da historiografia.

Já a segunda abordagem, histórico-global, ao contrário da mediterrânica, não conta com uma obra que sirva como marco decisivo: diversos estudos em diferentes contextos, tais como a *world history*, a *histoire connectée*, a *transnational history*, os *subaltern studies* e os *post-colonial studies*, entre outros, apontaram para a formulação de uma abordagem que somente há pouco tem recebido suas primeiras tentativas de síntese (Conrad 2016; Crossley 2008; Olstein 2014). Seu impacto na História Antiga – e seu encontro com o Mediterrâneo – ainda está em seus primeiros estágios, mas tem produzido, por exemplo, interessantes estudos sobre as “globalizações” mediterrânicas (Vlassopoulos 2013), as conexões do mediterrâneo com outras regiões (Hildebrandt & Gillis 2017) e comparações de experiências sociopolíticas ou intelectuais do mediterrâneo com o extremo oriente (Lloyd & Zhao 2018; Scheidel 2009, 2015).

Nesse contexto, a história das cidades helenísticas tem sido terreno particularmente fecundo. A própria pólis enquanto forma social foi globalizada, transformando-se em função, por

exemplo, dos diferentes potenciais econômicos de seus territórios, da intensidade da diversidade étnica de sua população, das modalidades de vinculação a estados monárquicos etc. Onno Van Nijf chega a falar em “*second rise of the Greek City*” (Van Nijf 2013: 311). Cada vez mais “mediterraneizadas” e “globalizadas”, as cidades gregas no período helenístico são tomadas pela historiografia recente como laboratórios de diversos dilemas enfrentados pelas sociedades contemporâneas. Em um mundo de horizontes ampliados, mas também de atores geopolíticos tão instáveis quanto ameaçadores (as monarquias e, com o tempo, a república romana), a interação entre as cidades se intensifica, seja pela formação de ligas e redes, seja pela competição por benefícios locais ou supralocais. Desse modo, a difusão do evergetismo (cívico e monárquico) e a multiplicação dos festivais e dos equipamentos urbanos associados são fenômenos de particular relevância. Vejamos.

Competições atléticas, competições evergetas

O período helenístico testemunhou um crescimento extraordinário do número de festivais (Parker 2004; Pleket 2014). Na base dessa multiplicação estão a própria difusão da pólis como forma de organização social e o novo estatuto da identidade helênica. Por um lado, a globalização da pólis acompanhava a ampliação dos limites do mundo grego operada pelo estabelecimento dos reinos macedônios, por outro, as referências identitárias da helenidade eram tanto esgarçadas quanto reforçadas pelos novos atores em cena. Entre essas referências, os festivais, em particular aqueles que incluíam competições atléticas, permitiam uma nova articulação entre o nível local, com a multiplicação de eventos e equipamentos urbanos, e global, com a intensificação do movimento de embaixadores, atletas e espectadores nos novos eventos mais prestigiosos. Parker (2004: 9) sugere que os festivais podem ser a primeira “instituição promotora de mobilidade”.

Na fronteira entre o local e o global, os festivais eram maleáveis o suficiente para manter a identidade da pólis e abrirem-se para os fluxos mediterrânicos: as competições poderiam ser abertas ou fechadas para estrangeiros, assim como as regras, as modalidades e as premiações poderiam ser mais ou menos sintonizadas com os grandes festivais. As Grandes Panateneias, por exemplo, continham competições exclusivas para cidadãos, como a corrida com armamento, ao lado de competições abertas, como a corrida de quadrigas (Shear 2001). Quanto à universalização de padrões competitivos, são eloquentes as proclamações de festivais como “isolímpicos”, “isopíticos” ou “isonemeus”, prática iniciada com Ptolomeu II Filadelfo na criação da *Ptolemaia* em honra de seu pai, Ptolomeu I Soter (Parker 2004), e ilustrada de modo eloquente na célebre inscrição de Magnésia no Meandro, que registra a solicitação (e diversas respostas) da cidade ao reconhecimento do caráter pan-helênico do festival a Ártemis Leukophyene, enviando embaixadores da Sicília à Mesopotâmia (Thonemann 2007).

A multiplicação dos festivais foi acompanhada pelo movimento de transformação da relação das pólis com os ginásios. Por um lado, ocorrem transformações arquitetônicas e espaciais: até então estruturas arquitetônicas relativamente modestas, localizadas em geral na região extramuros das cidades, os ginásios, no período helenístico, são construídos no coração das cidades, assumindo um caráter cada vez mais monumental. Por outro lado, a cidade, a partir do corpo de magistrados, passa a ter um controle muito mais efetivo sobre as atividades realizadas nos ginásios (Gauthier 1995; Van Nijf 2013). O ginásio helenístico manteve a vinculação tradicional ao treinamento militar e à formação cultural, mas cada vez mais se articulou ao treinamento – de jovens e adolescentes – voltados aos festivais competitivos (atléticos e artísticos). Ainda que a restrição dos frequentadores às elites raramente fosse enunciada, o ginásio era essencialmente destinado às classes possuidoras de tempo e recursos necessários para a dedicação a tais atividades (Van Nijf 2013: 316).

A multiplicação dos festivais competitivos e a multiplicação de estruturas ginásiais estão intimamente articuladas: os ginásios eram espaços formativos para os atletas que, a partir de cada pólis, competiriam nos festivais pan-helênicos. Assim, aos magistrados responsáveis pelos ginásios cabia não somente o acompanhamento das atividades, como também o financiamento e a organização de competições, então transmutadas em rituais que reiteravam os valores das elites poliades da competição entre iguais e sua vinculação à pólis – fatores fundamentais para a manutenção de sua posição enquanto elites (Van Nijf 2013). Desse modo, festivais pan-helênicos e ginásios poliades reforçavam-se mutuamente, formando uma “cultura atlética” composta por rituais que a um passo serviam como imaginários sociais e vetores da reprodução social das hierarquias (Van Nijf 2013).

A cultura atlética helenística, em sua reprodução, articulava-se profundamente com as relações evérgetas, tanto no nível poliade quanto internacional. No nível poliade, a difusão das magistraturas financiadas não pela cidade, mas pelo próprio ocupante, reforçavam a posição dos magistrados como evérgetas, responsáveis pelos recursos e pela gestão das estruturas ginásiais. No nível internacional, o reconhecimento do caráter pan-helênico de determinados festivais era incorporado às relações de troca entre presentes e honras: inscrições homenageavam as comunidades ou indivíduos que “doavam” o reconhecimento e facilitavam as missões dos embaixadores; entre as honras, contavam as aclamações ou os assentos reservados durante as atividades.

Nesse contexto, os próprios festivais eram integrados ao evergetismo: um evérgeta particularmente generoso poderia ser homenageado com a instituição de um novo festival. Aqui, vale a pena retomar a discussão de Hans-Ulrich Wiemer acerca da natureza dos festivais helenísticos. Contra a equivalência dos diversos festivais ao rótulo de “festivais cívicos”, o autor distingue aqueles organizados pela cidade e voltados para as tradições poliades (“festivais cívicos”)

daqueles organizados pelo monarca e voltados para a celebração de seu poder (“festivais monárquicos”). Enquanto nos primeiros os cidadãos reforçavam sua identidade e participavam ativamente da organização e execução das cerimônias, nos últimos os cidadãos eram espectadores de atividades organizadas pela corte, que teatralizavam os valores vinculados ao poder monárquico. O autor menciona alguns casos-limite que diminuem a nitidez dessa oposição, tais como festivais organizados pelas cidades em homenagens aos reis, em agradecimento à proteção em situações extremamente perigosas, como quando Teos honra Antíoco III e a rainha Laodice no final do séc. III a.C., ou quando a cidade servia como residência dos reis, como no caso exemplar de Pérgamo em relação a Átalo III, onde a identidade poliade fundia-se à comemoração dinástica atálica. Nesses casos, ainda, tratava-se de festivais cívicos, nos quais os reis eram homenageados, mas não os organizadores dos festivais (Wiemer [S.d.]).

A distinção de Wiemer é útil para demonstrar ao mesmo tempo a separação e a fusão de lógicas diferentes entre e intrafestivais. Aqui, interessa-nos particularmente o lugar dos reis na comemoração das Grandes Panateneias de Atenas. Não menos desprotegida que cidades menores como Teos, Atenas tem consigo, no entanto, a vantagem competitiva de ser considerada uma das referências centrais da helenidade, capital extremamente valorizado em tempos de globalização helenística. Assim, se não se exime de eventualmente criar festivais em homenagem a evérgetas – tais como Diógenes e Ptolomeu III, associados à libertação em relação à Macedônia em 229 a.C. –, a cidade tem em seu principal festival um espaço para negociar as relações evérgetas com uma audiência cada vez maior: os reis buscam as Grandes Panateneias para demonstrar sua helenidade e sua ligação com Atenas. As Grandes Panateneias no período helenístico são, sem dúvida, festivais cívicos, organizados e performados pelos cidadãos; no entanto, a presença crescente dos reis aliados – lágidas,

selêucidas e atálidas – reafirma tanto o caráter de Atenas como referência da helenidade quanto transforma a cidade em palco para a celebração dinástica.

A participação monárquica nas Grandes Panateneias nos é conhecida pelas inscrições com listas de vencedores e algumas poucas passagens na tradição literária, todas elas analisadas por Shear (2001: 606-636; 862-884). Quatro tipos de participação são atestadas: a recepção de embaixadas que convidavam para o festival (como a enviada a Ptolomeu VI, para os Jogos de 170/9 a.C.); a participação como financiadores e organizadores (como Ariarates V da Capadócia, agonóteta em 138/7 a.C.); a recepção de homenagens como a aclamação ou a concessão de coroas douradas (como Farnaces e Nisa do Ponto, em 194/3 a.C.); a participação como competidores nas diversas modalidades hípicas (como Ptolomeu V e Ptolomeu IV em 182/1 a.C.; os quatro irmãos atálidas Átalo II, Eumenes II, Filetairo e Atenaios em 178/7 a.C.; Eumenes II e Átalo II em 170/169 a.C.; Cleópatra II, Ptolomeu VI e Eumenes II em 162/1 a.C.; Mastanabal, príncipe da Masinissa, e Ptolomeu VI em 158/7 a.C.; e Alexandre Balas da Síria em 150/9 ou 146/5 a.C.). A essas, devem se adicionar outras, não atestadas, mas com provável participação dos reis como espectadores ou como celebrantes na grande procissão final.

Tal listagem, incompleta por conta do caráter fragmentário ou pela ausência de algumas inscrições panatenaicas, parece indicar uma hierarquia da participação monárquica: famílias reais de primeiro escalão (do Egito, de Pérgamo e da Síria) tendem a dominar a amostragem de vencedores em competições hípicas, enquanto reis de segundo escalão (da Capadócia e do Ponto) aparecem entre agonótetas ou homenageados com coroas. Tal hierarquia, no entanto, é mais evidente nas intervenções espaciais associadas ao grande festival, que eternizam na paisagem urbana a presença monárquica e que são objeto da discussão a seguir.

As intervenções panatenaicas

As intervenções espaciais relacionadas aos reis e às Grandes Panateneias podem ser divididas em dois tipos. Em primeiro lugar, os monumentos com referências diretas à participação monárquica nos jogos, tais como os pilares comemorativos de vitórias. Em segundo lugar, os edifícios e monumentos edificadas nos espaços engajados nos rituais do festival, mas que não fazem referência direta à participação monárquica.

Do primeiro tipo, destacam-se os pilares dispostos na acrópole e na ágora e identificados, com graus variáveis de segurança, como monumentos comemorativos de monarcas atálidas. Na acrópole, há vestígios de dois pilares que sustentavam quadrigas de bronze. O mais preservado é aquele situado sobre o terraço ao norte da via de acesso à acrópole (diante da “pinacoteca” do propileu): trata-se de um pilar composto por blocos de mármore azul do Himeto (corpo principal) e branco do Pentélico (moldura inferior e superior), com fundações em *poros* e atingindo uma altura de cerca de nove metros (Fig. 1). Marcas na superfície superior dos blocos preservados (Fig. 2) são coerentes com a reconstrução de um monumento equestre de bronze composto por uma quadriga e seus condutores. Esse pilar é conhecido como “pilar de Agripa” ou “quadriga de Agripa”, em função da inscrição dedicatória encontrada em uma de suas faces que apontava Marco Vipsânio Agripa, genro de Augusto, como o destinatário da homenagem. No entanto, como demonstrado por Dinsmoor (1920), a dedicação a Agripa estava inscrita sobre uma mais antiga, que foi apagada. O fato de as técnicas construtivas e da ornamentação dos perfis serem datáveis da época tardo-helenística fez com que Dinsmoor sugerisse que a inscrição originária dedicava o monumento aos reis atálidas e a Eumenes II em particular.



Fig. 1. Fotografia do pilar de Agripa.
Fonte: Perry (2013).

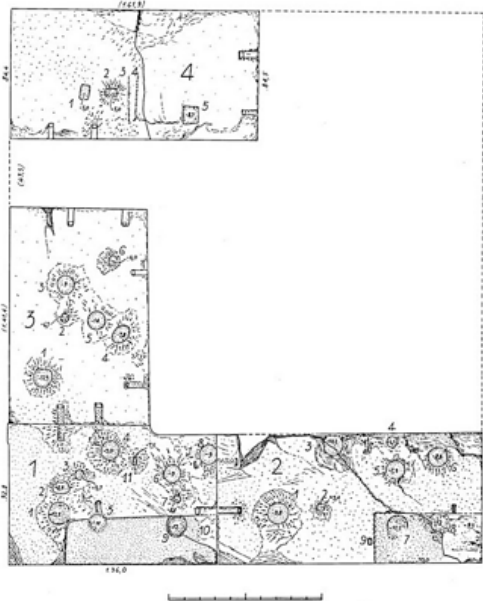


Fig. 2. Desenho do estado atual da superfície do “pilar de Agripa”, feito por Manolis Korres em 1986.

Fonte: Korres (2000: fig. 26).

Tal hipótese se baseia principalmente na atestação de vitórias de Eumenes II e seus irmãos Átalo (II), Filetairios e Ateneu nas competições equestres da Grande Panateneia de 178/7 a.C. (Shear 2001: 1223), mas Eumenes II e Átalo (II) também são vitoriosos na Grande Panateneia de 170/69 a.C. De qualquer modo, o fato de os quatro irmãos terem vencido competições no mesmo ano aponta para a dedicação da quadriga em 178/7 a.C., incorporando figuras dos quatro no mesmo monumento.

Outro pilar, não tão bem conservado, é aquele situado na quina nordeste do Partenon (Figs. 3-4), estudado em detalhe por Korres (2000: 320-325). Suas similaridades com o pilar diante do propileu (técnica, ornamentação e rededicação na época imperial) apontam para uma datação semelhante. Uma hipótese plausível seria sua dedicação à vitória dos reis atálicas na Grande Panateneia de 170/69 a.C.

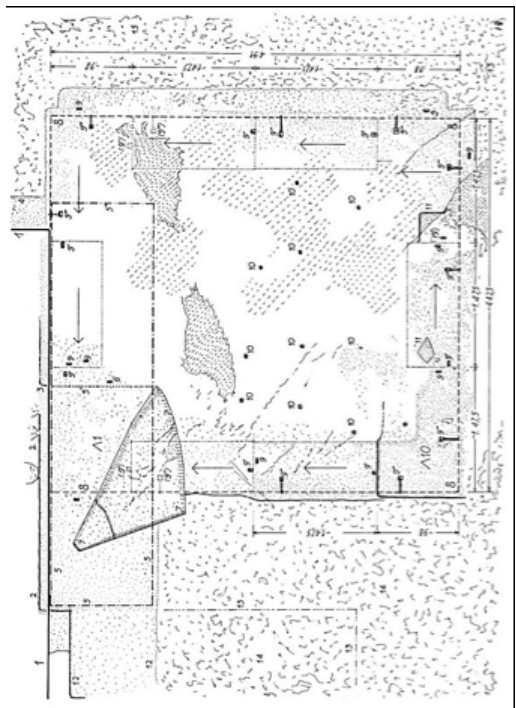


Fig. 3. Desenho do estado atual do pilar na parte nordeste do Partenon.

Fonte: Korres (2000: fig. 30).

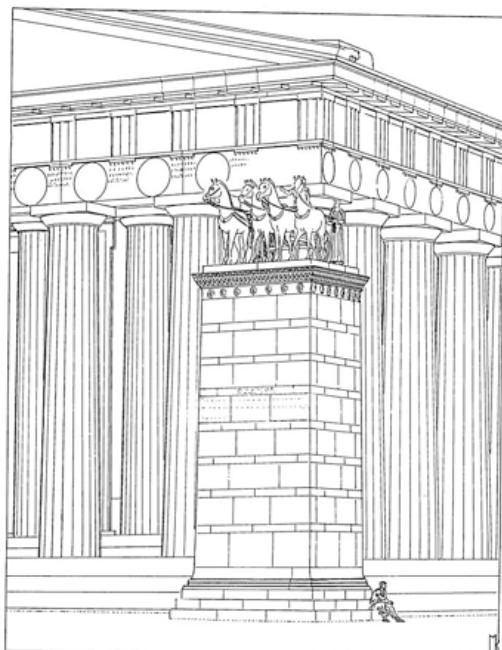


Fig. 4. Proposta de reconstituição do “pilar atálida” na parte nordeste do Partenon.

Fonte: Korres (2000: fig. 31).

Não há indícios claros para a iniciativa da dedicação dos dois monumentos, mas é plausível que tenha sido feita pelos *demos*, mesmo que contando com apoio financeiro dos próprios homenageados. A dedicação de quadrigas era prática já atestada em centros pan-helênicos, em particular em Delfos (Korres 2000). Um pilar semelhante aos da acrópole ateniense foi encontrado em Delfos, diante da Estoa de Átalo I (Stewart 2004: 211), datando do início do século II a.C.; tal intervenção, paralela aos monumentos atenienses, denota a percepção da acrópole de Atenas como equivalente ao santuário de Delfos, utilizado como espaço de exposição para a monarquia atálida. No caso ateniense, a ligação do motivo figurativo do monumento – a quadriga – com uma das mais prestigiosas competições do principal festival da cidade é coerente com o efeito propagandístico: as competições equestres foram, entre as décadas de 180 e

140 a.C., espaços para a competição entre reis helenísticos, em particular de Pérgamo, do Egito e da Síria (Shear 2001: 1223). Posicionados na entrada da acrópole e na quina nordeste do Partenon, os dois pilares abriam e fechavam o percurso da procissão panatenaica sobre a acrópole, reforçando, pelo diálogo com o templo de Atena Nike (Nike/Atenas, Nikephoros/Pérgamo) num caso, e com a Dedicção Atálida e o Partenon noutra, o paralelismo entre a acrópole de Pérgamo e a acrópole ateniense.

Na ágora, vestígios de outros dois pilares apresentam indícios – ainda que frágeis – de uma associação direta ao festival. Diante da Estoa de Átalo, construída em meados do século II a.C., localiza-se o pilar conhecido como “monumento do doador” (Fig. 5): um enorme pilar de mármore do Himeto que atingia o segundo andar da Estoa de Átalo, praticamente idêntico ao pilar de Eumenes II/Agripa na acrópole, e que sustentava uma quadriga em seu topo. Próximo deste, outro pilar (Fig. 6) se localizava na quina norte-ocidental da Estoa Média; os poucos vestígios encontrados pelos escavadores, no entanto, não permitem a identificação do tipo de estátua em seu topo, ainda que sua base e sua proximidade da Estoa Média apontem para uma semelhança com o “monumento do doador” anteriormente mencionado.

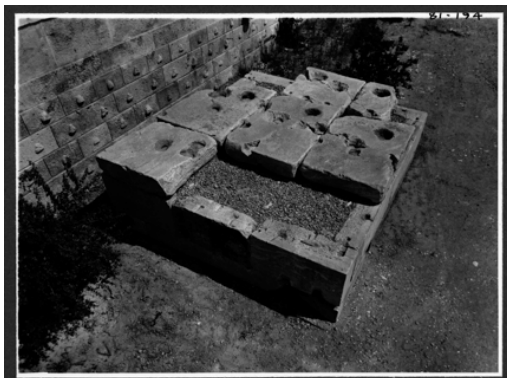


Fig. 5. Vestígios do “monumento do doador”, localizado diante da Estoa de Átalo.

Fonte: American School of Classical Studies at Athens (1958).



Fig. 6. Vestígios da base de um monumento (pilar?) na quina norte-ocidental da Estoa Média.

Fonte: American School of Classical Studies at Athens (1953).



Fig. 7. Proposta de planta da ágora no período imperial (II d.C.).

Fonte: Anderson (1992).

O segundo tipo de intervenção – sem referência direta, mas edificado nos espaços engajados no festival – se concentra na ágora (Morales 2015: 134-160) (Fig. 7), sendo composto por edifícios que emolduram espaços abertos (o conjunto formado pelo Metroon, a Estoa Média e a Estoa de Átalo na ágora), monumentos pelos quais os celebrantes passam durante a procissão (como a base dos

heróis epônimos) e um edifício cujos vestígios apontam para sua identificação com um ginásio (o conjunto conhecido como Praça Sul, interpretado por alguns como o ginásio de Ptolomeu mencionado em fontes literárias e epigráficas) (Marchetti 2012).

Na primeira categoria, o efeito de emolduração do espaço da ágora é feito pela sequência de longos edifícios de fachadas colonadas. Ainda que se tratem das célebres ágoras “em ferradura”, a referência ao urbanismo microasiático parece clara. Assim, a construção do Metroon em meados do século II a.C., com intensa participação pergamena (revelada pelas similaridades do edifício com a Biblioteca de Pérgamo) completava no lado ocidental da ágora a sequência colonada das estoas Real e de Zeus. A extensa Estoa Média, com seus 147 m de comprimento e com colonatas nos quatro lados, articulava-se em orientação e em altura da base com a Estoa de Átalo, que se estendia por 111 metros ao longo do lado leste. A construção das duas estoas (a Média, poucos antes de 180 a.C., e a de Átalo, em meados do mesmo século) regularizavam a orientação dos edifícios do lado sul e leste ortogonalmente, dispostos de modo ligeiramente diagonal em relação à via Panatenaica. Desse modo, além do efeito visual de emolduração, as estoas serviam como plataformas de observação das atividades realizadas na via, tais como algumas competições de corrida ou a própria procissão.

Entre a área central e oeste da ágora estava o monumento dos heróis epônimos, composto por uma extensa base que sustentava estátuas dos doze heróis epônimos das tribos atenienses, entre os quais se incluíam, após a reorganização posterior a 200 a.C., os monarcas Ptolomeu III e Átalo I. Na medida em que muitas das atividades do festival eram organizadas a partir das estruturas tribais, é plausível postular a importância do monumento que identificava as tribos durante as atividades.

Finalmente, vale retomar brevemente a discussão acerca da identificação da chamada “Praça Sul”, escavada pelos arqueólogos americanos nos anos 1930 (Morales 2015: 134-147). Ocupando uma área total de 10 mil

metros quadrados – entre áreas cobertas e abertas –, a Praça Sul é composta por diversos edifícios: a Estoa Média, que marca seu limite setentrional; o Edifício Leste, que funcionava na triagem do acesso ao espaço interior; a Estoa Sul II, que substituiu a Estoa Sul I em meados do século II a.C., e limitava a área ao sul, na elevação do terreno no sentido da acrópole; o Períbolo Retangular, construído no final do período arcaico e reformulado, internamente, no século II a.C., que limitava a área a oeste; e a fonte sudoeste, que se articulava à via que ligava a ágora à região do Areópago. Há indícios ainda de dois edifícios retangulares no espaço interior da praça Sul de base bastante similar a templos, mas a escassez dos vestígios não permite uma identificação mais precisa.

A identificação do edifício, e consequente atribuição de usos e de personagens associados, é objeto de debates acalorados entre os especialistas desde sua descoberta. Alternativamente como tribunal, área comercial ou depósito de grãos: recentemente novos argumentos foram aduzidos à identificação do complexo como um ginásio, e, particularmente, ao ginásio de Ptolomeu, mencionado por Pausânias e por algumas inscrições. Entre os principais argumentos, estão a área central do complexo, que lembra o espaço de uma palestra, a área coberta da Estoa Média, que se assemelha a estrutura de um *xystos* (pista coberta), a disposição dos espaços no edifício Leste, que indicariam uma seleção da entrada em função da estrutura tribal, e a existência de facilidades hídricas, como uma pequena fonte da Estoa Sul II e a grande Fonte Sudoeste. A associação ao “ginásio de Ptolomeu” mencionado por Pausânias se dá por conta da proximidade à ágora implicada no relato do periegeta; o elevado terraço no limite setentrional do complexo, para Marchetti, significaria que ele não fazia parte da ágora, estando, entretanto, próximo dela, como relata Pausânias.

A essa interpretação, adicionaríamos três indícios particularmente relevantes. O primeiro é o material utilizado na construção da Estoa Média: calcário de Egina, ilha então sob domínio de Pérgamo. O segundo é a articulação do complexo ao Períbolo Retangular, já

identificado com alguma segurança como o *Aiakeion* mencionado por Heródoto; vale lembrar que algumas inscrições indicam que no *Aiakeion* de Egina era realizado o culto conjunto a Ajax e a Átalo I de Pérgamo. O terceiro é a semelhança do provável *xystos* da Estoa média com o *xystos* do ginásio da cidade de Pérgamo. Ora, esses três elementos apontam para a participação de Pérgamo na construção do complexo, fosse ele ou não o ginásio de Ptolomeu. A construção posterior da Estoa de Átalo, no lado oriental, e do Metroon, no lado ocidental, reforçaria, pois, a posição de Pérgamo na paisagem da ágora, indicada de modo incipiente na construção da Praça Sul/Ptolemaion, dialogando, assim, com as intervenções atálicas na acrópole.

Conclusão

A pólis grega no período helenístico não “decaiu”: a intensidade do engajamento de comunidade cívica, viajantes e monarcas com as instituições poliades é indício da vitalidade da pólis enquanto forma de organização social. A globalização da pólis foi acompanhada pela construção de redes que ao mesmo tempo reforçavam as posições locais das pólis e as integravam em comunidades mais amplas – entre essas redes, os festivais pan-helênicos certamente ocupam lugar central. A multiplicação dos festivais, acompanhada da multiplicação de espaços associados ao treinamento nas cidades – os ginásios – fazem parte da construção de uma “cultura atlética” que tem novos horizontes e novos atores no período helenístico. Sem dúvida, uma das mudanças mais relevantes em relação aos períodos arcaico e clássico é a centralidade dos monarcas, que fomentavam a multiplicação dos festivais e ginásios nos termos das modalidades do evergetismo, instituição fortalecida no contexto de reforço das oligarquias, da competição interpoliade e da instabilidade geopolítica.

A multiplicidade de articulações entre festivais, ginásios e evergetismo é flagrante: as cidades, em função de suas dimensões e

seus capitais culturais, articulavam de modos diferentes os festivais cívicos e monárquicos, os lugares dos atores na organização e execução dos festivais, as relações entre elites e povo no contexto das atividades ginásiais. O caso da Atenas helenística, cidade tão forte do ponto de vista cultural quanto frágil do ponto de vista militar, é revelador das soluções disponíveis às pólis: Atenas abre seu principal festival cívico de modo especial para os monarcas (muitas vezes honrados com o título de cidadania), ao mesmo tempo reforçando seu prestígio e suas tradições culturais e servindo como palco para a teatralização do extraordinário poder de alguns poucos reis no Mediterrâneo oriental. Como decorrência dessa articulação específica, o espaço urbano será ocupado e disputado

entre os monarcas ávidos por inscrever seus nomes em uma das capitais da helenidade; Atenas se torna, assim, representação simbólica e vetor da reprodução das relações euergetas que articulavam a geopolítica anárquica do Mediterrâneo oriental. O aparecimento de Roma nesse cenário traria novos parâmetros para o modo como as cidades se relacionavam entre si e com as grandes potências. Mas, como atestam tanto o contínuo crescimento do número de festivais quanto, especificamente, a centralidade das Grandes Panateneias na estruturação das intervenções romanas em Atenas, os festivais continuarão sendo meios tanto simbólicos quanto materiais para a compreensão e intervenção no mundo das pólis em geral e da pólis dos atenienses em particular.

MORALES, F.A. Competitive spaces: monarchical euergetism, urban space and integration in Hellenistic Athens (2nd century BC). *R. Museu Arq. Etn.*, 29: 47-59, 2017.

Abstract: After the critique of the ‘polis decadence’ model in the study of Hellenistic societies, many scholars started stressing the centrality of the ‘agonistic culture’ for the history of Mediterranean urban landscapes and international relations. Athens, a polis as culturally prestigious as militarily fragile, used its agonistic traditions to construct euergetic relations with Hellenistic monarchs. This article discusses the interaction between agonistic culture, euergetic practices, and integration processes, using the spatial interventions in the Athenian urban space during the second century BC as a case study. They are related to monarchical euergetism and to the Great Panathenaia.

Keywords: Agonistic culture; Hellenistic euergetism; Great Panathenaia.

Referências bibliográficas

Alcock, S. 1993. *Graecia Capta: the landscapes of Roman Greece*. Cambridge University, Cambridge.

Disponível em: <<https://goo.gl/6gdTkd>>. Acesso em: 26/3/2018.

American School of Classical Studies at Athens. 1953. *Monument base at the northwest corner of the Middle Stoa terrace*. Disponível em: <<https://goo.gl/BFypc9>>. Acesso em: 26/3/2018.

Anderson, R.C. 1992. *General plan of the Agora in the 2nd century A.D.* Disponível em: <<https://goo.gl/CXSFC2>>. Acesso em: 26/3/2018.

American School of Classical Studies at Athens. 1958. *The Donor's Monument partially restored*.

Andreau, J.; Schnapp, A.; Schmitt-Pantel P. 1978. Paul Veyne et l'évergétisme. *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations* 33 (2): 307-325.

- Conrad, S. 2016. *What is global history?* Princeton University, Princeton.
- Crossley, P. 2008. *What is global history?* Polity, Cambridge.
- Dinsmoor, W. B. 1920. The monument of Agrippa at Athens (abstract). *American Journal of Archaeology*, 24:83.
- Gauthier, P.H. 1995. Notes sur les rôles du gymnase dans les cités hellénistiques. In: Wörrle, M.; Zanker, P. (Eds.). *Stadtbild und Bürgerbild im Hellenismus*. C. H. Beck, München, 1-11.
- Guarinello, N. 2003. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. *Politeia* 3 (1): 41-61.
- Gygax, M.D. 2016. *Benefactions and rewards in the ancient Greek city: the origins of euergetism*. Cambridge University, Cambridge.
- Hansen, M. 1995. The "Autonomous City-State": ancient fact or modern fiction? In: Hansen, M.H.; Raaflaub, K. (Eds.). *Studies in the Ancient Greek Polis*. Franz Steiner, Stuttgart, 21-43.
- Hansen, M.; Nielsen, T.H. 2004. *An inventory of archaic and classical poleis*. Oxford University, Oxford.
- Hildebrandt, B.; Gillis, C. (Eds.). 2017. *Silk: trade & exchange along the silk roads between Rome and China in antiquity*. Oxvow, Havertown.
- Horden, P.; Purcell, N. 2000. *The corrupting sea: a study of Mediterranean history*. Blackwell, Oxford.
- Korres, M. 2000. Αλαζκακηθά θαη ηηκειηηθά ηέξηηηπα ζηελ Αζήλα θαη ηηπο Γειθνύο. In: Jaquemin, A. (ed.). *Delphes cent ans après la Grande fouille*. Essai de bilan. Actes du colloque organisé par l'EFA, 17-20 septembre 1992. EFA, Athènes, 293-329.
- Lloyd, G.; Zhao, J.; Dong, Q. (Eds.). 2018. *Ancient Greek and China compared*. Cambridge University, Cambridge.
- Marchetti, P. 2012. Métamorphoses de l'agora d'Athènes à l'époque augustéenne. In: Cavalier, L.; Descat, R.; Courtills, J. (Eds.). *Basiliques et agoras de Grèce et d'Asie Mineure*. Ausonius, Bordeaux, 207-223.
- Morales, F. 2014. *A democracia ateniense pelo avesso: os metecos e a política nos discursos de Lísias*. Edusp, São Paulo.
- Morales, F. 2015. *Atenas e o Mediterrâneo romano: espaço, evergetismo e integração (200 a.C. – 14 d.C.)*. Tese de Doutorado em História. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Nielsen, T.H. 2016. Reflections on the number of athletic competitions in pre-Hellenistic Greece. In: Mann, C.; Remijsen, S.; Scharff, S. (Eds.). *Athletics in the Hellenistic world*. Franz Steiner, Stuttgart, 31-41.
- Olstein, D. 2014. *Thinking History globally*. Palgrave Macmillan, London.
- Parker, R. 2004. New 'Panhellenic' Festivals in Hellenistic Greece. In: Schlesier, R.; Zellmann, U. (Eds.). *Mobility and travel in the Mediterranean from antiquity to the Middle Ages*. Lit, Münster, 9-22.
- Perry, C. 2013. *Pedestal of Agrippa*. Disponível em: <<https://goo.gl/BwEY5H>>. Acesso em: 26/3/2018.
- Pleket, H. 2014. Sport in Hellenistic and Roman Asia Minor. In: Christesen, P.; Kyle, D. (Eds.). *A Companion to sport and spectacle in Greek and Roman antiquity*. Wiley-Blackwell, Oxford, 364-375.
- Robert, L. 1984. Discours d'ouverture. In: Hypourgeio Politismou kai Epistêmôn. *Praktika tou 8. diethnous synedriou hellenikes kai latinikes epigraphikes*. Epigraphiko Mouseio, Athēna, 35-45.
- Scheidel, W. 2009. (Ed.). *Rome and China: comparative perspectives on ancient world empires*. Oxford University, Oxford.

- Scheidel, W. 2015. *State power in ancient China and Rome*. Oxford University, Oxford.
- Shear, J.L. 2001. *Polis and Panathenaia: the history and development of Athena's Festival*. Doctoral dissertation in Art and Archaeology of the Mediterranean World. University of Pennsylvania, Pennsylvania.
- Thonemann, P. 2007. Magnesia and the Greeks of Asia (I. Magnesia 16.16). *Greek, Roman and Byzantine Studies* (47): 151-160.
- Van Nijf, O. 2013. Ceremonies, athletics, and the city: some remarks on the social imaginary of the Greek city of the Hellenistic period. In: Stavrianopoulou, E. (Ed.). *Shifting social imaginaries in the Hellenistic period: narrations, practices, and images*. Brill, Leiden, 207-232.
- Van Nijf, O.; Alston, R. 2011. *Political culture in the Greek city after the Classical Age*. Peeters, Leuven.
- Veyne, P. 1969. Panem et circensis: l'évergétisme devant les sciences humaines. *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations* 24 (3), 785-825.
- Veyne, P. 1976. *Le pain et le cirque: sociologie historique d'un pluralisme politique*. Éditions du Seuil, Paris.
- Vlassopoulos, K. 2007. *Unthinking the Greek polis: ancient Greek history beyond the eurocentrism*. Cambridge University, Cambridge.
- Vlassopoulos, K. 2013. *Greeks and Barbarians*. Cambridge University, Cambridge.
- Wiemer, H.-U. [S.d]. *Festival in Hellenistic cities: reflection on their meaning and functions*. Disponível em: <<https://goo.gl/itUH7u>>. Acesso em: 1/12/2017.
- Zuiderhoek, A. 2009. *The politics of munificence in the Roman Empire*. Cambridge University, Cambridge.